

Perante o Segundo Turno: Os operários não votam nem apoiam os patrões!

Como em 2013, quando lutamos contra a miséria e o desemprego, por trabalho, moradia, terra e vida digna contra os governos de Lula, Dilma, Temer. Nós trabalhadores e explorados do Brasil temos que retomar o grito de:

NEM BOLSONARO, NEM LULA, NEM O EMPRESÁRIO ALCKMIN!

ELES NÃO NOS REPRESENTAM!



**Eles representam a grande patronal
e as transnacionais imperialistas!**

**Lugar à unidade operária,
camponesa e popular**

***Para conquistar pão, trabalho, moradia, terra e vida digna:
É preciso romper com os capitalistas e lutar com os métodos da classe operária,
na unidade com seus irmãos explorados do campo e da cidade...***

Expropriação do imperialismo e todos os capitalistas!

A maior enganação "Do mundo":

**O reformismo anuncia que vai derrotar Bolsonaro e a direita...
COM A IGREJA!!!**

**E com o candidato a vicepresidente de Lula, Alckmin,
o chefe da mais alta e rancia burguesia de São Paulo**

Uma verdadeira enganação e armadilha contra os trabalhadores e suas lutas

Esta é a velha política stalinista de submeter os trabalhadores à "burguesia progressista".

No Brasil fica politicamente à tona. Porque nos '80, a classe operária que conquistou um feito na independência de classe com o PT, chamava nas eleições sob a palavra de ordem "TRABALHADOR VOTA TRABALHADORES". Longe disto estão os reformistas e a esquerda pró-capitalista, inclusive nem à altura destas lições que conquistaram os trabalhadores do Brasil. A esquerda do sistema dirá que apoia a igreja católica, uma das forças reacionárias e mais sanguinárias da história, contra dos Fascistas Evangélicos que sustentam Bolsonaro.

Tocam os silos das igrejas de todo o Brasil... O filho pródigo regresa a casa...



Lula com a Pastoral Franciscana

O reformismo na América Latina...



No dia que 10 mil metalúrgicos defendiam Lula para que o Juiz Moro não o encarcerara... rodeado pelos padres e bispos, LULA SE ENTREGOU. AMEM

Coroinhas de esquerda dos partidos pró-imperialistas.

A grande patronal, o FMI, estão no Brasil nas duas chapas presidenciais: com Bolsonaro e com Lula-Alckmin. Assim, sempre perdem os trabalhadores.

Lula vem desorganizar a luta operária e aplicar os planos de Bolsonaro, que acontecerão após Lula ser um limão espremido, vem para concluir o trabalho.

As correntes ex trotskistas, aos seus pés, votando, como foi em toda a América Latina, as frentes de colaboração de classes.

Vão detrás dos passos do stalinismo e sua política de colaboração de classes. Porém, jamais poderão utilizar o legado da IV Internacional para tanta capitulação e Traição!!!

8 de outubro de 2022

Carlos Munzer

Do Conselho Editor do Organizador Operário Internacional

Numa aberta política de colaboração de classes...

O PSTU-LIT chama a votar por Lula-Alckmin

Perante esta política escandalosa, o PSTU se enfrenta ao próprio PSTU

O PSTU (LIT), que no primeiro turno apresentou, junto com a CST-UIT, o MRT-PTS e outros, o Polo Socialista y Revolucionário, com candidatos operários e independentes que se diziam inimigos da colaboração de classe com Lula-Alckmin e denunciavam esse papel nefasto desempenhado pela burocracia pelega e pelo PSOL. Mas, chegamos ao segundo turno, agora a disputa entre "Bolsonaro e Lula" coloca PSTU vs o próprio PSTU. Vamos ver como se apresentaram no primeiro turno, e que fale por si mesmos, pois eles depois apagam com os cotovelos o que escreveram ontem com as mãos.

Diante do "Brasil da Esperança" de Lula-Alckmin e de dezenas de partidos burgueses aos quais o PSOL aderiu, disseram: "O programa do PT (...) com uma ala do imperialismo mundial ligada ao setor Biden e à direita clássica. (...) Os ricos

defendem seus interesses. Os trabalhadores têm que defender os seus. E o PT? (...) serve aos ricos e aos capitalistas como fez em 13 anos de governo". ("O mundo fantástico do programa PT". 12/07/2022.

"(...) Essa é a essência de sua aliança com Alckmin. Assim como as frentes eleitorais que o PT está formando nos Estados com outros setores da burguesia (e até com o partido de Bolsonaro) são apenas mais uma



Meirelles e Lula

demonstração desse mesmo compromisso." ("Lula-Alckmin é um prato amargo para os trabalhadores." 17/08/2022)

Acrescentaram diante desta capitulação do PSOL: "Mas este ato também marca outra coisa: a capitulação total do PSOL à Frente Ampla e à unidade de Lula-Alckmin com a burguesia. (...) justificou sua entrada na Frente dizendo que revogaria a Reforma Trabalhista (...) Luciana Genro, da corrente MES [Movimento Esquerda Socialista], por sua vez, posicionou-se como representante da esquerda do PSOL e, ao aceitar esse papel, (...) estamos vendo uma adesão pura e simples à Frente Ampla Lulista, com a burguesia e o imperialismo, onde mais uma vez a classe trabalhadora será sacrificada..." (**Derrote o inominável, sim! Mas escolha o mal menor, não!** 27/09/2022)

O segundo turno o PSTU agora convoca para votar em Lula-Alckmin contra Bolsonaro...

**Nos momentos decisivos com o programa do stalinismo:
Apoiar os "burgueses progressivos" contra dos "reacionários"**

Não se tratava de se submeter à colaboração de classes e organizar verdadeiramente a luta contra o fascismo, que justamente essa colaboração de classe é previa à sua imposição. É claro que o PSTU e a LIT não contam com essa política ou com essas lições, não só não condizem com o que eles próprios afirmaram ontem, no primeiro turno, como também acabam aplicando a mesma política de colaboração de classes que o PSOL, embora de forma "ultracrítica".

Vejamos o que ele diz agora: "No segundo turno, quando não podemos apresentar uma candidatura independente, **defendemos o voto crítico em Lula para derrotar Bolsonaro nas eleições.** (...) Por isso defendemos o voto crítico em Lula, pois não apoiamos o projeto

capitalista, social-liberal e de conciliação de classes do PT, expresso na fórmula Lula-Alckmin, de amplas alianças com o capital". ("Para derrotar Bolsonaro nas eleições, PSTU pede voto crítico em Lula". 10/07/2022)

O PSTU nem levanta a política de **"Trabalhador não vota em patrão, só vota em trabalhador"**, do PT dos anos 80 e convoca sem ficar vermelho o voto na candidatura burguesa de Lula-Alckmin no segundo turno.

Agora, como o PSOL anteriormente, diz que *"para derrotar Bolsonaro nas eleições, devemos votar criticamente em Lula-Alckmin". Que o PSTU se entenda com o próprio PSTU, mas que pare de enganar e confundir a classe operária e a vanguarda que*

se recusa a se submeter aos seus algozes.

Essa é a política que ele promoveu em todos os segundos turnos das eleições presidenciais no Brasil de 2002 até agora. Mas, ontem e hoje Bolsonaro e Lula são candidatos do imperialismo e do FMI, são duas variantes para impor os planos de recolonização do imperialismo na América Latina. Por isso estão unidos por um único ponto: **"todos contra Bolsonaro".**

Essa capitulação à frente de colaboração de classe Lula-Alckmin-PSOL não é novidade, é a política que eles promoveram no Chile, apoiando o Boric; no Peru, apoiando Castillo; na Colômbia, apoiando Petro... é a mesma política do stalinismo, dos "anticapitalistas" e de todos os renegados do trotskismo, de submissão

da classe operária à burguesia “progressista”, aos pés de Biden e do FMI.

Pois, nos momentos decisivos, os renegados do trotskismo sempre destroem toda política de independência de classe para se abraçar com alguma frente política de colaboração com a burguesia, re-editando a nefasta política do stalinismo de “campos burgueses”, de apoio à burguesia “progressiva” contra a “reacionária”.

Por isso, chamamos os militantes do PSTU-LIT a rever sua posição

perante as eleições presidenciais no segundo turno. A retirarem seu apoio no voto em Lula-Alckmin. Nenhum apoio à burguesia! Que morram os capitalistas! Que morra o imperialismo! O fogo revolucionário das massas e a água, que joga a burguesia, não podem se juntar! **Pela independência política dos trabalhadores para reagrupar nossas forças e retomar o combate de 2013 e o grito de “Eles não nos representam!”, e levar até vitória fazendo**

estourar o regime e seu governo servente do imperialismo!

Como disse Trotsky na luta contra o fascismo na Alemanha, perante essa política stalinista “...todo o problema se reduz a isto: sob quem é melhor passar forma, sob Brüning ou sob Hitler? Quanto a nós colocamos o problema assim: não em que condições se morre melhor, mas como lutar e vencer.”

Sob as bandeiras da Quarta Internacional de Trotsky e Mario Pedrosa!

O Pólo Socialista e Revolucionário foi levado a submeter-se aos seus carrascos e pede para votar em Lula-Alckmin no segundo turno

A classe operária, embora tenha tido uma candidatura independente de classe, com o Pólo Socialista e Revolucionário que apresentou a única candidatura independente da burguesia, com candidatos operários, infelizmente, não obtiveram mais de 0,02%, com 25.625 votos.

Isso não se deu apenas pela submissão a Lula-Alckmin, mas, principalmente, é fruto da política eleitoral aplicada pela liderança do Pólo, o PSTU (LIT), com a CST (UIT), o MRT (PTS) que se reduzia a uma mera frente eleitoral, uma espécie de FIT (pelo FIT-U da Argentina), mas que ainda obteve muito menos votos. O Polo não se organizou arredor de pôr em ação as forças da CSP-Conlutas para que os candidatos fossem eleitos pelos operários. Os candidatos não foram defendidos por Comitês votados nas bases dos movimentos da central, não foram escolhidos em Assembleias por fábricas, estabelecimentos e movimentos de luta. Se não, como se explica que uma central sindical que, embora seja uma das menores, tem mais de 4 milhões de membros, obteve apenas 25.625 votos?

Após a mesma facada nas costas que significou a convocação do voto na candidatura Lula-Alckmin pela burocracia de Pelega e pelo PSOL, os partidos integrantes do Polo Socialista Revolucionário, como o PSTU (LIT) e o CST (UIT), decidiram convocar num “voto crítico” para Lula-Alckmin. Um verdadeiro desvio que não ultrapassou a Primeira Ronda e que a sua direção não teve a política de converter esta organização num Polo de reagrupamento das fileiras operárias, que verdadeiramente se organize e lute pela Revolução e pelo Socialismo.

COLÓMBIA

Chamado do Comitê Internacional SOS Estão Nos Matando

Liberdade dos presos políticos e justiça pelas vítimas da greve de 28-A!

Essa luta impulsionada desde Cali, deve ser tomada como própria por todas as organizações operárias e de direitos humanos do mundo. São essas as forças que poderão conquistar a liberdade dos presos por lutar.



Red Internacional por la libertad de los presos políticos



Primeira Linha da Colômbia, na greve de 28-A

Seguindo os passos do PODEMOS do Estado espanhol, assimilado ao regime burguês

A falência do PSOL

Junto do PT, da igreja, dos capitalistas, dos banqueiros e do imperialismo

Hoje vemos os fundadores do PSOL que romperam com o PT em 2014, Juliano Medeiros (presidente do PSOL), Luciana Genro, Heloísa Helena e outros dirigentes mandelistas, hoje abertamente Castro-Stalinistas disfarçados de trotskistas sob a liderança do PC cubano e Frank Hernández. De mãos dadas com Lula, a burguesia e os banqueiros se declaram inimigos da revolução socialista, usurpando as bandeiras da Quarta Internacional e o nome do socialismo e se colocando aos pés do regime escravista brasileiro e do imperialismo.

Este partido, que aumentou sua filiação em mais de 200.000 nos últimos dois anos, demonstra sua falência aberta. Seus candidatos eram Lula-Alckmin. Eles se federaram à Rede (o partido do banco Itaú) e aderiram à fórmula *"Brasil da Esperança"*, juntamente com o PSD, o PCdoB, o PV, Rede, Solidaridade, PROS, entre outros partidos burgueses.

Boulos, Medeiros, Genro e demais aplicam no Brasil o que já fizeram ao apoiar Boric no Chile, Petro na Colômbia e, claro, de mãos dadas com Sanders, apoiando *"Biden contra Trump"* nos EUA. Eles fizeram isso apesar de terem sido denunciados pela própria base do partido por aplicar essa política apesar e contra das resoluções de seu último Congresso, em dezembro de 2021, onde foi definida uma política eleitoral independente.

Boulos, o candidato do PSOL a deputado federal por São Paulo, o candidato mais votado para deputado federal no estado, e o segundo candidato mais votado no país, já está se curvando à candidatura burguesa de Lula-Alckmin e até o imitando muito bem, como seu fiel "herdeiro", Lula em seus comícios.

O PSOL está morto como uma alternativa para a classe operária e em um caminho sem retorno se alia à burguesia, seu regime e seus interesses em nome da "democracia e da liberdade". Em sua aliança com a burguesia ganhou milhões de votos, novas cadeiras nos parlamentos federal e estaduais e, junto com seus aliados dos partidos burgueses, ganhou alguns cargos de governador.

E ainda vemos que a CST-UIT, o LS-LIS, e dezenas de grupos do chamado *"Bloco de Esquerda Radical"*, que também exigem um voto crítico para Lula-Alckmin, continuam dentro do PSOL. Ultrajante! Eles não só se recusam a romper esse partido traidor, mas também apelam para a classe operária para votar "criticamente" em Lula-Alckmin diante da ameaça bolsonarista.

Vamos dizer a verdade! todos que estão dispostos a oferecer aos capitalistas, mesmo que não seja o dedo mindinho em seu apoio, está apenas "vendendo sua alma ao diabo". Seu voto significará sua responsabilidade pelos ultrajes que Lula-Alckmin está preparando contra os trabalhadores e os explorados do país, o que fará a repressão de Boric, Castrillo e Petro parecer uma brincadeira de criança. Enquanto todos rezavam a Nossa Senhora de Aparecida para que Lula ganhasse no primeiro turno, o que lhes teria poupado o trabalho sujo de chamar para votar nele como o "mal menor" diante o Bolsonaro.



Na foto aparecem; Da esquerda à direita: Geraldo Alckmin, Fernando Haddad, Marina Silva, Guilherme Boulos, Cristóvão Buarque, Luciana Genro, Lula, João Vicente Goulart, Henrique Meirelles

O PSOL se prepara para governar com eles, mas antes de tudo eles já concentraram todas as suas forças para desmoralizar a vanguarda que não quer se submeter à colaboração de classes. Seus argumentos cínicos já são ouvidos: "Quem não votar em Lula será responsável pela vitória do golpe", "Não votar em Lula é jogar nas mãos da direita", etc.

Naturalmente, sua assimilação à burguesia e sua disposição para apoiar o regime burguês é total. Tampouco está descartada sua disposição de assumir um

ministério como o Lambertista Antonio Palocci ontem, que foi Ministro das Finanças de Lula de 2003 a 2006, Ministro da Casa Civil de Dilma por cinco meses e hoje goza de prisão domiciliar em sua mansão por sua condenação pelo Lava Jato. Ou Miguel Rosseto, da organização Mandelista Democracia Socialista, que ocupou o Ministério do Desenvolvimento Agrário, ou seja, liderou o banimento e o massacre no campo, tanto durante os governos de Lula e Dilma, ainda mais na segunda presidência de Dilma, ocupou a pasta da Secretaria Geral da República e, como Ministro do Trabalho, foi o garante do surgimento da atual Reforma Trabalhista. Isto não está descartado, dada a falência do PSOL, que está abraçando os candidatos dos patrões, do Vaticano e o imperialismo.

Junta-se com abertamente na frente com Alckmin da FIESP, ex-chefe do PSDB que governou São Paulo com mão de ferro, o homem da FIESP e do Opus Dei, tanto que contam com o apoio do Papa Bergoglio.

O PSOL não faz nada de novo, ele apenas revive a política do estalinismo. Mas ele o veste como trotskista, coberto por todas as asas Morenistas que ainda estão dentro dele, enquanto o PSTU e os velhos anti-lulistas os cobrem pela esquerda. Para fazê-lo e legitimá-lo perante a classe operária e sua vanguarda, enquanto em coro dizem que "o socialismo não va mais", precisam fazê-lo em nome do trotskismo e da Quarta Internacional como parte de uma política mundial única para salvar o capitalismo podre como enfermeiros, ou seja, justamente quando é claro que não há saída sem a revolução socialista triunfante e sem uma direção sob o legado da Quarta Internacional e do bolchevismo. É que o imperialismo sabe claramente que a classe operária não está derrotada, que o trotskismo vive em cada luta e em cada revolta que irrompe aqui e ali, como hoje no Irã, por exemplo. O PSOL sabe disso, mas é o inimigo de seu triunfo, seu papel hoje é absolutamente o oposto... ele chama a apoiar as candidaturas burguesas e a apoiar os governos dos escravistas.

Boulos, o "Iglesias brasileiro" (pelo Pablo Iglesias do PODEMOS espanhol) com um milhão de votos às costas é o chefe dos *"anti-capitalistas"*. Este ex-líder do PCB (Partido Comunista Brasileiro), a quem os líderes do PSOL, **Juliano Medeiros** e demais, nomearam líder do Partido, fazem o que seus chefes determinaram e com a cumplicidade dos renegados do trotskismo de Medeiros, Pedro Fuentes, Luciana Genro e uma longa cadeia de colaboracionistas, que

sob a liderança do antigo “Secretariado Unificado” ou como Morenistas senis, em nome da Quarta Internacional se colocaram a 180 graus das lutas em curso da classe operária e de seus interesses e, como o PODEMOS, o PSOL passou o campo da burguesia contra as massas exploradas.

É NECESSÁRIO ROMPER COM A BURGUESIA! É NECESSÁRIO SE REVOLTAR CONTRA A BUROCRACIA PELEGA, O PSOL E TODOS OS COLABORACIONISTAS! Os antigos “anticapitalistas” foram abertamente com a burguesia, é um caminho sem retorno. Hoje mais do que nunca: VIVA A LUTA PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

Devemos reagrupar as fileiras operárias antes que seja tarde demais. Devemos reagrupar as forças que se recusam a se submeter aos sons da sirene da frente de colaboração com a burguesia que inevitavelmente nos levará à derrota. As massas revolucionárias e os firmes militantes trotskistas que lutam sob as bandeiras da **Quarta Internacional de Trotsky e do jovem Mario Pedroza** não permitirão tal rendição do legado e do programa da revolução socialista y da Quarta Internacional! Não estamos diante de uma eleição ou luta sindical como o reformismo gostaria, estamos diante de toda uma época de revoluções, contrarrevoluções, guerra e fascismo. Hoje é o momento da frente popular, em seu caminho engoliu a maioria das correntes que falavam em nome do socialismo.

A classe operária terá mil e um oportunidades para mudar o curso da história, que é marcada por um caminho tortuoso cheio de **direções traidoras como estamos vendo hoje com o PSOL no Brasil. A quem os operários deram sua confiança, décadas de enormes esforços e devoção, e até mesmo seu sangue como a camarada Marielle Franco, e quando é mais necessário mostra sua servidão à burguesia e se prepara para fazer o oposto do que foi dito ontem.** É hora de saber nadar contra a corrente, o reformismo a cada passo corta seu próprio ramo que o sustenta. Porque **com Lula-Alckmin não se derrota a Bolsonaro**, não vem nem democracia ni concessões, mas sim entrega, repressão y miséria. **Aqueles que apoiam e geram ilusões nela serão os principais responsáveis.**

A Quarta Internacional não está morta e vive em todos os combates decisivos e vamos recuperar suas bandeiras limpas de seus detratores! Viva a Quarta Internacional e o Trotskismo! Abaixo o reformismo e o colaboracionismo! Como diz o Programa de Transição: *“A Quarta Internacional já goza do ódio merecido dos estalinistas, dos social-democratas, dos liberais burgueses e dos fascistas. Não tem e não pode ter lugar em nenhuma das frentes populares. Ela se opõe irremediavelmente a todos os agrupamentos políticos ligados à burguesia. Sua tarefa é pôr um fim à dominação capitalista. Seu objetivo é o socialismo. Seu método é a revolução proletária.*

CROJA-FLTI

30 de setembro de 2022

Reportagem a Alex Santana do Boletim Luta Pela Base

Alex Santana, 34 anos, é metroviário há 13 anos, como operador de trem. Fez parte de 3 gestões de CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), inclusive uma como vice presidente, esteve na diretoria do sindicato de 2016 a 2019 e está na diretoria da FeNaMetro desde 2014, atualmente na secretaria de comunicação e imprensa da entidade.

Santana foi um dos 42 demitidos da greve de 2014 e foi reintegrado em 2018. Militava no PSOL fazia alguns anos, até romper publicamente em 15/08/2022 por discordar da política do partido pós congresso.

“Precisamos unificar as lutas... darmos voz aos trabalhadores... Isolados não alcançaremos êxito, precisamos somar forças!”

LPB: Diante do fato de que a armadilha eleitoral foi imposta, qual a tua visão da situação das lutas da classe trabalhadora perante a ofensiva de Biden e do imperialismo para recolonizar o Brasil e toda a América Latina?

AS: A situação no Brasil está calamitosa e a armadilha eleitoral está fazendo com que muitos percebam um país da imaginação, acreditando que tais eleições serão a solução dos problemas. Os ataques imperialistas permanecerão, assim como o bolsonarismo continuará forte independente de quem seja eleito. E isso pode significar um “balde de água fria” na classe trabalhadora, pois quando perceber a realidade, terá um refluxo de desânimo e se desarmará para as batalhas.

LPB: Você acha que há condições de chamar da CSP-Conlutas e dos setores em luta de todas as Centrais Sindicais para criar um Comitê de Luta Nacional para unificar as lutas em curso?

AS: É possível e é necessário chamar pelos setores mais aguerridos a luta por meio de

comitês, mas não há essa perspectiva no momento, pois todos estão focados nas eleições e estão deixando de preparar a mobilização. Será necessário muito trabalho para recuperar o tempo perdido e, ainda mais trabalho para convencer setores ligados ao provável governo eleito, que precisam chamar a luta. As Centrais Sindicais não podem ficar reféns do governo, mas sabemos que já tiveram essa postura e a tendência é repetirem a receita e, isso pode ser o enterro do movimento sindical, visto que a credibilidade já está bem abalada.

LPB: Eles nos impuseram a armadilha eleitoral, com uma política de colaboração de classes com a candidatura de Lula-Alckmin. O que você acha da proposta de construir Comitês de Apoio às candidaturas operárias do Polo Socialista e Revolucionário? Você acha que há condições para fazer esse chamado pela CSP-Conlutas?

AS: O chamado às candidaturas revolucionárias é válido, mas precisa ser para

além de apresentar o projeto socialista, precisa haver ações concretas a fim de construir um movimento que dê dinâmica às pautas dos trabalhadores, mobilize de fato e seja parte de um plano aprofundado rumo à revolução. Acredito que a CSP-Conlutas tem condições de impulsionar isso, mas que sozinha não terá força suficiente para dar andamento, ou seja, necessariamente passará pela conscientização da classe e do convencimento do próprio movimento sindical e social para alcançarmos algo mais amplo.

LPB: Diante disso, qual é a tua opinião respeito da posição da maioria do PSOL, com quem você rompeu recentemente?

AS: Sobre o PSOL, acredito que a política da maioria da direção do partido esteja equivocada e, mais que isso, essa maioria desrespeitou os fóruns democráticos, os militantes de base, pois o congresso aprovou uma frente de esquerda nas eleições e não uma frente ampla. Além disso, não houve debate sobre a criação da Federação com a Rede e, por fim, Boulos se colocou acima do

partido quando anunciou sua renúncia apoiando Haddad antes de quaisquer discussões internas no partido. Tudo isso levou a diversos militantes romperem com o PSOL, pois o partido segue na linha auxiliar do PT, que sabidamente não tem um projeto de fato de esquerda, inclusive novamente se aliando com diversos setores da direita nitidamente buscando novamente a conciliação. A tendência do PSOL é fazer parte do provável governo eleito do PT; isso se concretizando rasgaria toda a história do partido e jogaria no lixo seu projeto original. Por outro lado, se o PSOL não aderir ao governo (não acredito nessa hipótese) e fizer oposição à esquerda, pode recuperar um pouco de sua credibilidade. Saberemos na prática muito em breve.

LPB: Como você acha que deve ser preparada a luta não só no primeiro turno, mas também no segundo turno e contra o governo que vem?

AS: A luta no primeiro turno já não é mais viável, e talvez não ocorra segundo turno, mas se houver, precisaríamos colocar nossas pautas na rua. Mas sabemos que há resistência a qualquer coisa do tipo nesse período de eleições, inclusive essa resistência foi parte da tática nos últimos dois anos, em que as mobilizações foram calculadas, de

maneira que desgastasse o governo Bolsonaro para não ganhar a eleição e ao mesmo tempo não retirá-lo do governo antes das eleições, pois isso dificultaria a eleição de Lula. De qualquer forma, pós eleições, imediatamente precisamos organizar os fóruns de luta, reunir os comitês, montar um calendário de atividades que construa mobilizações a fim de cobrar nossas pautas e já demonstrando que faremos oposição ao governo, não aceitaremos ataques.

LPB: É evidente que a ofensiva do imperialismo sobre o Brasil e a América Latina é feroz e se as lutas em curso forem derrotadas, nosso reflexo será no espelho da Síria ou da Ucrânia. O que você acha disso?

AS: Não acredito que um refluxo nas lutas no Brasil leve o país a situações parecidas com Síria e Ucrânia. Não há tal cultura enraizada, também não há consciência de classe de maneira ampla e não há direção com credibilidade para dar andamento a algo mais amplo. Terá que haver trabalho de "formiguinha" para conscientizar, organizar, mobilizar e não ficarmos reféns novamente da conciliação com as "bênçãos" das principais centrais sindicais do país. Mas acredito que estejamos chegando num limite suportável ou

limite de tolerância com os ataques e, ao haver rompimento desse limite, poderá haver de forma heterogênea reações espalhadas e isoladas, que precisaremos saber juntá-las e construir algo mais amplo e organizado.

LPB: Como membro da direção da Federação Nacional do Metrô, que luta você considera ser levantada dentro das organizações de trabalhadores diante das lutas do momento atual? O que você gostaria acrescentar perante esta situação?

AS: Como diretor da FeNaMetro vejo que uma das principais lutas que precisamos dar batalha é contra as concessões, privatizações e terceirizações. Esse tema envolve diversos ataques de forma fragmentada, que demandam grande trabalho de resistência a cada fragmento de ataque enquanto pela "tangente" o plano maior avança. Essa questão é a base para muitas lutas, inclusive lutar contra as concessões e privatizações conceitua concretamente um projeto de esquerda. Então precisamos unificar as lutas comuns, envolvendo as diversas categorias e entidades que estejam passando por esse processo e darmos voz aos trabalhadores de forma mais ampla possível. Isolados não alcançaremos êxito, precisamos somar forças!

A seguir reproduzimos a nota do companheiro Alex Santana anunciando sua desfiliação do PSOL perante o giro aberto deste partido para uma política de colaboração de classes de apoio à candidatura burguesa de Lula-Alckmin.

O PSOL deixou de ser PSOL...

Nos últimos meses fiz algumas notas questionando algumas resoluções do partido e informando que se o rumo não mudasse, me desfilia...

O rumo não mudou; na verdade até piorou. Assim sendo, chegou o limite para alguma tentativa de reverter o caminho trilhado pelo PSOL.

Alguns acontecimentos que justificam tal afirmação:

- 1 - PSOL não cumpriu resolução de congresso que dizia participar de uma candidatura de frente de esquerda e não de uma frente ampla;
 - 2 - O partido deixou a democracia interna de lado quando resolveu pela cúpula formar uma federação com a Rede;
 - 3 - Boulos desrespeitou a base do partido ao declarar apoio ao PT antes de qualquer deliberação partidária;
 - 4 - Algumas correntes diziam que a candidatura de Alckmin seria o limite, que não poderiam compor com quem atacou os trabalhadores durante anos. No entanto mantiveram apoio mesmo após a oficialização dele como vice;
 - 5 - Até certo momento, a defesa de algumas correntes era de que o apoio a Lula se daria caso houvesse risco iminente de Bolsonaro vencer as eleições (faz mais de um ano que as pesquisas dizem o contrário a isso e sem margem para tal interpretação. Em caso de golpe, que não acredito que vá ocorrer, todos lutariam contra, independente de formação de chapa para as eleições);
 - 6 - Posteriormente o argumento dessas correntes é que fariam parte da construção de um programa de esquerda e que tal programa seria o novo limite para a manutenção do apoio à Lula. Pois bem, isso também caiu por terra, pois os próprios partidos da coligação disseram que não haveria um programa de esquerda; pautas importantes como a revogação da reforma trabalhista foram reformuladas para atender ao mercado e os principais candidatos da coligação pelo governo de SP se declararam favoráveis às privatizações e Concessões;
 - 7 - Apesar de algumas correntes dizerem que a nova barreira para se manter no partido e continuar dando apoio a Lula seria não entrar no governo, o PSOL aceitou ser vice ao Senado em composição com Márcio França, que no PSB sempre esteve no governo Alckmin (ex-PSDB) e também declarou e já teve em seu plano de governo, abertura para concessões. O próprio Boulos sempre se coloca como parte do governo quando estiver no congresso;
 - 8 - No primeiro debate ao governo do Estado de SP, Haddad se colocou favorável a concessões, algumas privatizações e, inclusive abertura de capital de estatais, como mencionou sobre o formato da SABESP; ainda se vangloriou de ter redigido a lei das PPPs.
- O PSOL deixou de ser um partido independente de governos. Não há como esconderem isso e não há defesa pra isso. Essas entre outras atitudes do partido fazem com que o PSOL deixe seu projeto de lado, esqueça seu programa de esquerda e se afaste do socialismo completamente. Por isso é um partido sem volta.

Informo que agora, oficialmente não sou mais militante do PSOL. A desfiliação é um pouco burocrática, mas em breve formalizarei isso no tribunal eleitoral.

15 de agosto de 2022 / Alex Santana - ex militante do PSOL

IRÃ EM CHAMAS

O regime assassino dos aiatolás dispara balas e morteiros contra prisioneiros políticos que se revoltam contra o governo

DEVEMOS PARAR O MASSACRE E LIBERTAR OS PRISIONEIRO DA CADEIA DE EVIN!

LIBERDADE A TODOS OS PRESOS POLÍTICOS DO IRÃ!

ABAIXO O REGIME ASSASSINO DOS AIATOLÁS!

Do jornal sírio A Verdade dos Oprimidos fazemos um apelo aos trabalhadores, às organizações combativas, de direitos humanos, etc., do mundo para impedir o massacre do regime assassino da teocracia iraniana contra os presos políticos da prisão de Evin (Teerã), que se juntaram ao levante revolucionário que se arrasta há mais de 30 dias no Irã.

Neste sábado, presos políticos se reuniram no pátio da prisão e gritaram palavras de ordem contra o governo. Imediatamente os aiatolás enviaram as forças especiais para massacrar a prisão atirando e usando lança-granadas e fogo de morteiro. A guarda do centro penitenciário cortou todo tipo de comunicação do presídio, bloqueando as redes para silenciar as queixas dos presos.

Neste momento, os prisioneiros estão nos telhados exclamando "Morte ao ditador!" enquanto a prisão está em chamas e as forças especiais continuam a massacrar. O gás lacrimogêneo que as forças repressivas lançaram também afeta os bairros ao redor da prisão. A classe operária iraniana vai cercar maciçamente seus irmãos e irmãs presos em Evin com solidariedade.

A prisão de Evin tem sido um centro de detenção para ativistas que defendem os direitos e liberdades das mulheres, trabalhadores e lutadores populares, opositores políticos e defensores dos direitos humanos desde a época do Xá Reza Pahlevi, hoje sob a ditadura do regime teocrático dos aiatolás. É conhecido como "Inferno na terra" com capacidade para 15.000 presos.

Em prisões como a de Evin em todo o país, o regime teocrático mantém dezenas de milhares de lutadores operários e populares sob tortura e muitos deles condenados à morte, alguns dos quais já foram executados publicamente por enforcamento.

É um regime sanguinário que massacrou mais de 400 rebeldes explorados no último mês, que há dois anos massacrou 1.500 e dezenas de milhares mais com sua Guarda invadindo a Síria e o Iraque.

A luta pela liberdade dos prisioneiros iranianos é a mesma luta pela liberdade dos 500.000 prisioneiros da revolução síria nos matadouros humanos que são as prisões de Al Assad, sob a pior tortura. A luta pelo triunfo do levante revolucionário iraniano é a mesma luta revolucionária nas ruas da Síria, Iraque, Líbano, Iêmen, Palestina e todo o Oriente Médio.

Chamamos a ficar com os prisioneiros massacrados de Evin enfrentando as forças repressivas assassinas. Sua situação piora minuto a minuto.

É preciso ganhar as ruas para parar esse massacre! Vamos libertar os presos políticos agora! Abaixo o regime da teocracia!

*A Verdade dos Oprimidos
Jornal dos Socialistas da Síria e do Oriente Médio*



Haqueqa Al Maqhoreen

21-10-2022

Reproduzimos uma declaração dos operários combativos de Bakhtiari em solidariedade à luta de seus irmãos de classe árabes do Khuzistão. Uma voz classista corajosa que clama para unir a luta da classe operária iraniana superando as divisões de diferentes nacionalidades oprimidas dentro do Irã para enfrentar o inimigo comum: os patrões aiatolás opressores e assassinos.

Do canal de Trabalhadores Independentes de Haft Tappeh:

APOIANDO O CHAMADO DE ATIVISTAS ÁRABES DO KHUZESTÃO

No Khuzestan, Arab, Ler, Bakhtiari, Fars, etc., ou seja, os principais proprietários da riqueza, todos nós fomos privados da menor parte da mesma riqueza. Um pequeno número de traidores sempre colaborou com o governo, mas a maioria de nós possui apenas discriminação, pobreza e opressão.

Declaramos que apoiaremos nossos irmãos e irmãs árabes nos protestos. Convidamos a todos para esta esfera e este campo. É hora de mostrar zelo e coragem, vigilância e luta. Se alguém ainda tem medo ou seu zelo não se moveu diante de toda a opressão, pobreza e tantos assassinatos de nossos entes queridos, que pensem em si mesmos. Excluímos do nosso grupo aqueles que estão com o governo e proibir outros de protestar.

Somos um grupo de trabalhadores Bakhtiari e acompanharemos o chamado dos nossos queridos árabes na sexta-feira. Mostraremos que o custo dessa opressão e a opressão terminará com o preço de destruí-las. Envie uma mensagem a todas as cidades do Khuzistão e diga-lhes que é hora de se vingar dos trabalhadores e assalariados que sofreram e foram oprimidos e discriminados.

Mensagem recebida da audiência do canal

Post: Canal de Trabalhadores Independentes de Haft Tappeh

